

OS SENTIDOS DA DOCÊNCIA NO PENSAMENTO DE TOMÁS DE AQUINO

Liliane Barros de Almeida¹ – UFG

Ler Tomás de Aquino, especialmente seus escritos sobre a educação, é fundamental para compreender e pensar a atuação docente. Não para aplicar suas ideias de forma mecânica e direta, como se tivéssemos em mãos uma receita, mas para entender que a análise e a construção teórica servem para motivar a transformação do movimento do real para além daquilo que ele aparenta. O estudo histórico de um autor remete-nos a compreendê-lo a partir das questões de sua época. Essa perspectiva exige a leitura de forma contextualizada, com o objetivo de instituir um diálogo entre leitor e autor, realidade e prática social, para além das aparências do texto, permitindo ao leitor assumir uma postura de participante do pensamento do autor.

É preciso tomar o texto filosófico como meio para compreender o sentido e a realidade em que o sistema do filósofo se constitui. Assim, entendendo que uma teoria ou pensamento são marcados por conceitos próprios transcendentais e também relacionados à sua realidade social e histórica, propõe-se pensar a Idade Média, especialmente o século XIII, como cenário que se constituiu e estruturou o pensamento tomista.

A educação medieval desenvolvia-se numa relação intrínseca com a Igreja e a fé cristã, as instituições escolares eclesiais eram autorizadas a educar, formar e conformar. Para chegarmos ao que hoje conhecemos como ensino superior e o modelo que temos como ideal de universidade, a Idade Média desenvolveu outros tipos de escolas que o antecedeu: as escolas monacais, presbiteriais ou paroquiais, episcopais e palatinas².

O ensino deixou o campo e se instalou na cidade, a atividade intelectual lentamente abre-se ao estudo de elementos das culturas exteriores aos

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE da Faculdade de Educação da UFG; graduada em Pedagogia pela UFG. Bolsista do CNPQ. 24ª turma. e-mail: lilianeufgo@gmail.com

² Para conhecer as características peculiares a cada escola citada, ver ULMANN, Reinhold e BOHNEN, Aloysio. *A universidade: das origens à renascença*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1994.p. 24-35.

dogmas da Igreja, recuperando a leitura de alguns autores da Antiguidade, como Aristóteles, e, com menor ênfase, Platão. O século XIII foi marcado pelo surgimento da Universidade como corporação resultante do momento econômico de fortalecimento e intensificação da vida urbana.

Durante a Idade Média, a universidade conquistou lugar de prestígio e autonomia em relação à sua identidade social. Tornou-se pólo criador da intelectualidade, servindo ao desenvolvimento laico da sociedade num processo de desmistificação dos dogmas católicos. Reinhold Ullmann e Aloysio Bohnen afirmam que “[...] a *universitas* medieval tinha as portas abertas a todas as culturas: grega, romana, cristã, árabe e judaica, tornando-se depositária e reelaboradora do pensamento por elas legado” (1994, p. 298).

É nesse contexto que Tomás de Aquino, através dos estudos filosóficos e teológicos, desenvolve seu pensamento, constituindo uma “[...] extraordinária síntese entre fé e razão, entre teologia e filosofia [...]” (LIBERA, 1998, p.405). Os estudos tomasianos são antes de tudo aristotélicos. Tomás de Aquino rompe com a interpretação neoplatônica do homem e da alma, reinante até o momento. Apresenta o homem “[...] como alma racional unida substancialmente a um corpo” (DE BONI, 2010, p.54). Assim sua investigação procurou compreender o intelecto possível ao humano.

Para conhecer, o homem apreende o mundo exterior através dos sentidos. Essa apreensão é resultado da assimilação que temos do objeto a ser conhecido. Ao entrar em contato com ele, nós o incorporamos de forma que ele faça parte de nossa essência. Para isso fazemos representações que partem da comparação sensível que temos a partir de outras situações, aperfeiçoando e pondo em atividade nossa inteligência. Assim sendo, podemos afirmar que o intelecto tem a espécie sensível como imprescindível para abstrair a essência universal e torná-la espécie inteligível. As ideias são reflexos da percepção sensível da relação entre o pensamento e o conhecimento sensível que se tem de determinado objeto ou matéria. O conhecimento se dá do objeto para o indivíduo, ou da coisa para o intelecto.

[...] a operação intelectual é causada pelo sentido. Entretanto, as representações imaginárias são incapazes de modificar o intelecto possível, mas devem se tornar inteligíveis em ato pelo

intelecto agente. Em consequência, não se pode dizer que o conhecimento sensível seja a causa total e perfeita do conhecimento intelectual, mas antes que é a matéria da causa (S.Th. I, q.84, a.6,rep).

Sendo assim, podemos entender que, no humano, o conhecimento se dá a partir das experiências deste ser com o mundo sensível, pois, para o mestre dominicano, nosso conhecimento vem dos objetos exteriores por meio dos sentidos, acontece da coisa para o ser, ou seu intelecto. Para que a coisa seja apreendida, é preciso conhecer sua forma e isso ocorre através dos sentidos que a apreendem pela experiência sensível. Há duas formas de adquirir conhecimento “[...] de um modo, quando a razão por si mesma atinge o conhecimento que não possuía, o que se chama *descoberta*; e, de outro, quando recebe ajuda de fora, e este modo se chama *ensino*” (*De Magistro*, a.1, sol).

Nesse sentido, atribui ao ensino o ato de estimular ou provocar o conhecimento no aluno, ou seja, este já possui a capacidade de aprender, porque o ser humano é dotado de intelecto, então, pode-se dizer que “[...] o agente extrínseco age somente ajudando o agente intrínseco, fornecendo meios que possam fazer surgir o ato” (*De Magistro*, a.1, sol).

[...] o professor deve conduzir o aluno ao conhecimento do que ele ignorava, seguindo o caminho trilhado por alguém que chega por si mesmo à descoberta do que não conhecia. Ora, o processo pelo qual a razão chega ao conhecimento mediante a descoberta de coisas desconhecidas consiste em aplicar princípios gerais evidentes a determinadas matérias e daí chegar a algumas conclusões particulares, e destas, por sua vez, chegar a outras etc. E é por isto que se diz que o professor ensina o aluno: porque este processo da razão – que a razão natural faz em si – é proposto de fora pelo professor por meio de sinais, e assim a razão do aluno – por meio do que lhe é proposto como certos instrumentos de ajuda – atinge o conhecimento do que ignorava. E do mesmo modo que se diz que o médico causa a saúde no doente pela atuação da natureza, também se diz que o professor causa o conhecimento no aluno com a atividade da razão natural do aluno. E é nesse sentido que se diz que um homem ensina a outro e se chama mestre (*De Magistro*, a.1, sol).

Daí decorre a importância de se pensar sobre a atuação docente como estimuladora do pensamento e da ação na busca do conhecimento como descoberta, como processo constante de estudo e reflexão. O professor deve causar o conhecimento no aluno, levando-o através da atividade do intelecto à apreensão do objeto a conhecer. Nesse pensamento, o educador é um dos motores do conhecimento, cabendo a ele conduzir o processo de aprender. O aluno possui o conhecimento em potência e este deve ser transformado em ato. O mestre, então, deve infundir no aluno a ação de conhecer, ou seja, deve atuar de forma a modificar o educando, e, quando este se modifica através de algo que recebeu de outro ser, aí ocorreu a aprendizagem pelo ensino.

Outro ponto essencial do pensamento de Aquino sobre a docência é a questão do conhecimento do professor. Para o aquinate só pode ser mestre aquele que conhece aquilo que ensina com propriedade, em seu sentido perfeito, ou seja, tem um conhecimento profundo, consolidado, compromissado, exegético, substancial e obtido mediante laborioso estudo. Quem possui apenas saberes do senso comum e superficiais não pode ser chamado mestre, pois não cria em ato a possibilidade de conhecimento no aluno.

O mestre que Tomás de Aquino propõe é transformador, exigente, investigativo, cuidadoso; submete suas interrogações a uma criteriosa investigação que busca os conceitos, as teses e os argumentos numa análise aprofundada epistemologicamente. Privilegia o pensamento e a razão como ato de criação intelectual.

Para ele, o conhecimento não deveria ser transmitido para o aluno, mas sim infundido por um processo de construção, em que o professor é tido como mola propulsora rumo à descoberta do conhecimento. No pensamento de Tomás de Aquino, o ensino, a aprendizagem é compreendida na relação entre ato e potência, sendo que, no professor o conhecimento existe em ato e, no aluno, em potência, devendo este ser levado por aquele a transformar o conhecimento de potência em ato.

A ideia de que o conhecimento não é inato ao homem e que este é dotado de intelecto é de suma importância para a teoria de Aquino. Para ele, só

há ensino quando há transformação naquele que aprende, isto é, quando o conhecimento se torna ato no educando.

Tomás de Aquino não faz referência ao conteúdo ou ao que aprender, mas sim ao como proceder para chegar ao saber. Pode-se dizer que indica um caminho para a dedicação aos estudos, numa preocupação com a formação do ser como pessoa.

O “*De modo studentí*” é um espelho em que se reflete uma concepção de educação totalmente diferente da que prevalece em nosso tempo. Se um grande educador de hoje fosse consultado sobre “o modo de estudar” ou sobre como “adquirir conhecimentos”, certamente sua proposta dirigir-se-ia a questões técnicas, programático-curriculares, motivacionais... O conhecimento é, para nós, compartimentado, separado da existência. Já Tomás, que pensa no saber como algo integrado à existência, ante as mesmas perguntas, aconselha “sobre como deve ser tua vida”. Se o objetivo da escola hoje é formar o bom profissional, ou, quando muito, “educar para a cidadania”, ou formar para uma análise crítica do mundo; os conselhos de Tomás, no século XIII, incidem sobre a própria estrutura nuclear íntima do ser humano (LAUAND, 1998, p-300-301).

Refletindo sobre a ideia apresentada, ressaltamos a importância de entendermos e praticarmos o que Tomás de Aquino nos diz a respeito do aprender e do ensinar. É importante fazer com que os alunos se sintam pessoas capazes de buscar o conhecimento, para isso é preciso acreditar e se dedicar ao aprender. O currículo, a avaliação, a gestão de recursos materiais são necessários para se organizar o espaço escolar, porém, primordialmente, é necessário um professor que tenha como princípio a formação da pessoa, do ser em sua essência humana.

O estudo dos escritos de Tomás de Aquino se torna essencial à educação e aos mestres que buscam constantemente a formação do homem em sua totalidade como ser. A ideia tomasiana, revolucionária para seu tempo, é de que o conhecimento deve ser descoberto pelo aluno, por seu próprio intelecto, e não simplesmente transmitido pelo professor. Esse pensamento contribuiu para a humanidade e, em especial, para a educação com uma abertura no que diz respeito ao conhecimento e ao aluno, à ideia de que cada ser humano possui uma essência a ser desenvolvida, cabendo ao mestre

provocar seu aluno no sentido do aperfeiçoamento e da busca da sabedoria, sobretudo pela autodisciplina, que se pode afirmar ser um dos maiores legados de Tomás de Aquino.

REFERÊNCIAS

DE BONI, Luis Alberto. *A entrada de Aristóteles no Ocidente medieval*. Porto Alegre: EST Edições, Ed.Ulisses, 2010.

LAUAND, Luiz Jean (Org.). *Cultura e educação na Idade Média*. Seleção, tradução, notas e estudos introdutórios de Luiz Jean Lauand. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LIBERA, Alain de. *A filosofia medieval*. Tradução de Nicolás N. Campanário e Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. São Paulo: Loyola, 1998.

TOMÁS DE AQUINO. *Suma teológica*. Ed. bilíngue latim - português. São Paulo: Loyola, 2003-2005, v. 1-7.

_____. *Sobre o ensino (De magistro)*. In: _____. *Sobre o ensino (De magistro) e Os sete pecados capitais*. Tradução e estudos introdutórios de Luiz Jean Lauand. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 23-62.

ULMANN, Reinhold e BOHNEN, Aloysio. *A universidade: das origens à renascença*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1994.